

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILUSTRADA

PEQUENA CHRONICA

PEQUENA LIÇÃO:

Do correio d'hontem recebi este postal:

«Não gosto do seu novo estylo. V... tem recursos, e escuse de aproveitar a nova forma dos decadentes, dos nephelibatas. Forma quasi reles, novidade sem razão de ser. De V. etc.F.» Esta epistola, estylo telegraphico, fez-me lembrar a cantata coaxante das rãs, n'uma poça paparrenta, de lama e de monturo, de montureira e de estereo de bois.

O critico *não gosta do novo estylo.*

Está no seu direito; ou, melhor, está no seu lugar. Não gosta, porque não comprehende: está no seu lugar, porque nunca foi dado aos surdos ouvir a tonalidade dos sons, nunca foi dado aos cegos descortinar os esbatidos da luz. Jamais os primeiros apreciaram Donisetti e Wagner; jamais os segundos embeberam a pupilla no banho doce, no doce banho almiscarado das manhãs suavissimas e das tardes crepusculares. Manhãs em que o sol que desponta se parece com o arfar do peito d'uma virgem castissima e loira; tardes em que o crepusculo ensanguentado e rubro é semelhante á primeira lagrima da mulher trahida, peito repleto de soffrimentos, alma alanceada de pungentes, pungentissimas dôres.

Não gosta do novo estylo.

Sim. O estylo decadente, ou decedista, é a ultima phase, o ultimo arranco d'uma litteratura revolucionaria, litteratura que não admite formulas, regras, compasso metrico, phrases feitas, comparações encarquilhadas, velhas como a velhissima Mathusalem, velhissimas como a ideia enevoada dos cerebros dos troglodytas.

O romantismo passotri: o naturalismo teve a sua epocha; o realismo sejou-se na atmospherá latrinacea dos seus engendros.

Que nos resta? Uma litteratura nova, sem formulas sacramentaes e sem enredos dogmaticos. Admitte-se o dogma na Fé. Na Arte, o dogmatico é o absurdo. E o espirito superficial, o espirito prehe de sombras, o litterato meia tigella, não conhecendo mais que o circulo estreito dos seus romances á Ponson e á Sue, insurge-se, barafusta, não comprehendendo...

Como ha-de comprehender um cego as côres e o fundo terrifico d'un quadro de Rembrandt; como ha-de comprehender um surdo a modalidade emocionista dos tercetos do Dante?...

Mas, o que é o novo estylo, o estylo decadente?

É uma reboada de sons, como reboada d'andorinhas; uma cantata homérica de paixões; uma sentimentalidade de dôres como accordes de violinos gementes: é uma alacridade de sons e uma virgindade de côres: uma nebulosa d'espirito, e um espirito vivificante.

O ouvido é tudo. A esthetica está no som, a arte está em objectival-o.

A natureza é bella, e o espirito adoravel. Mas a natureza é uma gama de sons e de côres; e o espirito um accorde de dôres e de lagrimas, de sorrisos e de paixões.

Quem melhor o pintar, ao vivo, ao natural, na emergencia da luz e na penumbra da sombra, esse é o artista.

A arte tem porventura regras?

Não tem. A arte é a alma e o sentimento, e nem o sentimento e nem a alma tiveram jamais balizas a sopesar-lhe os vôos.

Mas cale-se os criticos, que a coaxada das rãs coaxa no charco uns lamacentos cantos de estereo e de monturo.

Estereo do espirito dos criticos, monturo da montureira do seu ideal!

Ideal de lama. Ideal de... lama.

ORDEM DA NOITE:

As barracas todas luminosas. Dançam na cabriolagem gymnastica os fantoches. Zé Povinho admira, pasma, faz hiatos com a bocca elastica, bocca enorme, a pedir sardinhas da caravela e albardas contribuintes. No largo passeio acotovelá-se a gente, o burguez e o padre, o doutor e o sapateiro. N'esta epocha, todos, pobres e ricos, aleijados e escorrecitos, vermelhos de san-de e amarellos d'anemia, todos fazem picadeiro, todos se lustram nos fatos e nas botas, para, noite de festa, noite de Cruzes, espiairar tristezas da sua cozinha lóbrega, da sua loja terrea, frioronta, do seu escriptorio com teias de aranha, da sua mansarda aluniada a bico de petroleo fumarento, vidro de cineo reis—e, com a sua consorte e os seus filhinhos, divagar, flunar, cabeça levantada, voz adocicada, pose de actor aspirante ao paleo de D. Maria, por essas barracas em fora, perguntando aqui o preço d'uma bijouteria, tirando alli um bilhete d'uma rifa, lançando acólá mais um vintem no leilão de fazendas em liquidação...

E a burguezia salicenta-se; o proletariado quicurata-se nas eminencias!

A animação é extraordinaria.

Ha muitos annos que não apparecem tantos feirantes, tantos barraqueiros. Ha muitos annos que o povo não ri e não folga tanto, nas canções estalantes das violas e nos threnos gementes, enfadonhos e monotonos, dos harmoniuns.

E eu penso, no meio d'esta alacridade doida, doidejante, na philosophia da historia...

Estou vendo o povo francez, rindo, gracejando, correndo aos circos, assaltando os theatros, peçando os cafés cantantes, enchendo de alegria a praça publica nas suas festas civicas, gastando dinheiro a rôdos, estragando a saude, a forte compleição animal e a esthetica sublime da forma, em danças exquisitas, de esgares truanescos, mirabolantes—e isto na vespera d'um cataclysmo...—dois dias antes da Revolução!

Parece que é sina.

Quanto menos dinheiro, quanto mais de amargura e de soffrimento crucia o Povo—tanto mais esse Povo dança e cabriola.

A cabriolagem do abysmo que cega, do abysmo que tem correntes magneticas a arrastar, numa velocidade doida, o povo, a massa!

Z. Sarago.



PROGREDIOR

—Viva o sr. João Machado!

—Viva!

—Viva o benemerito filho de Barcellos!

—Viva!

Eis as palavras que ouvia, na ultima segunda-feira, pelas 9 1/2 da noite, quem passasse no largo da Porta Nobre, soltas pelos filhos mais dilectos d'esta villa, á luz mephistophelica dos archotes.

Que diria quem chegasse de fora da terra e visse aquella multidão compacta, que se agitava, fazendo um borborinho festivo de arraial? Sim: que diria quem visse luminarias em todas as casas, e ouvisse discursos á Manuel da Graça? Por certo que conjecturava desde logo que coisa bem importante attrahia alli toda aquella gente. E era-o. Trata-se d'um sonho dourado dos bar-

cellenses de ha muitos annos preconisado:—o transformar n'um Busaco, n'um Bom Jesus do Monte, n'um bosque de Bolonha, o pittoresco e historico monte da Franqueira. Isto, porem, nunca passara de projecto, porque, para a sua realisacão, demandava-se de grande capital, e, infelizmente, esses que o tem em Barcellos, chamam-lhe seu, aferroham-o sem que elle redonde em beneficio para esta rainha sentada n'um throno aderegado de felicidade galas e que tem a banhar-lhe os pés os limpidos crystaes do dormente Cavado; porém, atraz de tempo tempo vem, como diz o adagio, e chegou agora a occasião de se levar a effeito tão altruista idea.

Como sabem, João Machado fôra para o Brazil; a sorte roçara-lhe bem sensivelmente as suas azas de ouro, e com tão cariciosos affagos, que pôde voltar á sua terra com enorme fortuna, ganha á custa de muitos sacrificios nas margens perigosas do rio Amazonas, onde mui frequentemente se apanham febres que victimam, ou que arruinam a saude. Voltou á patria, á sua querida Barcellos, e não sendo, como muitos, usurario, resolveu empregar parte da sua fortuna no aformoseamento da Franqueira, cujo projecto, em harmonia com o nobre Machado, elaborou o sr. Antonio d'Arújo Lima. Eil-o.

Construir hoteis no estylo dos mais usados na Suissa; pôr o monte mais baixo para a sua ascensão se tornar mais facil, e, como isto vae prejudicar bastante as magnificas vistas que



Eiffel Machado



O elevador em movimento

d'ahi se disfructam, construir-se-ha uma torre, que se denominará—Eiffel Machado—; transformar em templo moderno o convento de S. Francisco, e egual modificação soffrerá a capella da Senhora da Franqueira, que com a alteração do monte se ha de levantar n'outro ponto; encanar a agua do sr. Borges para as habitações, porque a que ha no local e a que se explorar, será empregada em jogos d'agua nas cascatas e lagos; desviar, de maneira que passe debaixo da torre já fallada, a estrada que vae d'aqui á Apulia e Povia, para o local ficar mais movimentado; levantar, em estylo moderno, o castello de Faria; finalmente, um elevador, segundo os systemas mais aperfeiçoados, porá os *touristes* no cimo da torre, etc. etc.

Voltaremos ao assumpto quando se der principio ás obras.

+

Não publicamos um discussão pronunciado na calçada, pelo sr. Daniel Costa, por este nosso am.^o não querer rever as notas taquigraphicas.

Zétil



ARCHIVANDO E AGRADECENDO

«A Aurora do Cavado», semanario o mais antigo de Barcellos, redigido pela penna aparada e fecunda do ex.^{mo}

sr. dr. Rodrigo Velloso, dedica-nos, no seu n.^o 1:320, o seguinte suelto bibliographico:

«A Lagrima». Esta pequenina publicação quinzenal, illustrada, d'esta villa, vestiu-se de novo e apresenta-se com um aspecto gallardo e primavera. Comprimentamola por isso.

«A Lagrima» agradece n'um sorriso de perola, effusivo de reconhecimento, os cumprimentos do collega sabedor e douto, mestre de todos nós os que na ingloria tarefa das letras gastamos algumas horas; horas que para muitos se aligurarão de cansaço e aborrecimento, mas que, se não são o jubilo da, carteira, são pelo menos as melhores para o coração e para o espirito. O espirito alheio às miserias da terra; o coração sobrenadando intacto às sugestões d'um meio desolador e corrompido. . .



AVENTURAS D'UM OCULO—UM LEÃO

Imos rio acima. O barco desliza na cristalina ondalina do rio e os remos ao mesmo tempo cortavam fortemente o inverso da corrente.

Era cedo, muito cedo. Ossalgueiros marginaes do rio balouçavam nas suas folhas verdes, viçosas, gotas, lagrimas d'orvalho, onde o sol d'entro em pouco se refletia, brincando.

As avesinhas não tinham despertado ainda, e nos ninhos perfumados, ninhos d'amor, viam-se os pequeninos alados de bico semi-aberto esperarem os beijos suavissimos dos paes e o alimento saboroso que os seus auctores lhes levavam no seu bico carinhoso.

Por toda a parte quasi um silencio completo.

O barco ia seguindo rio acima.

Chegamos a Santo Antonio; e d'ahi, espraiando a vista pelo lençol de prata que tinhamos percorrido, via-

A Lagrima

mos começar a reflectir-se n'esse espelho natural as primeiras scintillações da madrugada. Os astros começavam por desaparecer. A lua reflectindo-se apresentava fantasticas paysagens, poeticas, deslumbrantes.

Ao longe, Barcellos apresentava-se de gala, coberto de bandeiras, esperando um dia de flores, um dia d'alegria. Era dia de festa, a vespera das Cruzes.

As musicas começavam a entoar nas ruas peças estrondosas, despertando os dorminhocos e suavizando os madrugadores.

N'uma casa proxima do rio, n'uma das boas casas de Barcellos, cantava um melro, aquelle melro jovial, alegre, que o Guerra muito bem descreve, e n'uma janella que faz vis-a-vis ás pittorescas janellas da casa de Vessadas via-se a cabeça d'un leão apreciando a frescura da manhã.

Não levou muito que comesçassem a aparecer bandos de trabalhadores. A quinta de Vessadas chegaram alguns. Então o vulto da janella retirou-se por um pouco e volta, trazendo na mão um enorme canudo. Com



espanto vimos crescer e encurtar aquelle apetrecho de guerra. Apetrecho sim porque era a machina que elle applicava na sua peleja, peleja de morte. Assestou-a em direcção a Vessadas. O dia clareou, e então reconhecemos que não era outra coisa se não um óculo de grande mira, talvez aquelle de que se serve o Noherlesoon para os seus estudos astronomicos. Seguimos rio abaixo e quando passavamos em frente ao Pecegal ouvia-se una voz roufenha.

—«Maldito o maroto que, sabendo roubar-me as sympathias d'aquelle

anjo que me fez andara cabeça n'un completo desarranjo capaz de me fazer endoudecer, morrer, d'amor.



BELISCOES

Heroe alegre, alegre como o riso;
E quando cospe—fallas d'espavento,
faz lembrar-nos um circulo de vento,
aureola branca, o branco do graniso.

Graniso alvo, de lidimos cristaes,
cristaes em rubro, finos, sanguesuga,
a sanguesuga enórme, sanguesuga
que morde e fere e eriva o: immortaes.

Fallando em *immortaes*, Manoel da Graça
apparece do lado, nympha alada,
poeta, riso da lua, a lua ba-a,
poeta cóla de peixe assetinada...

A sombra d'um ideal feito d'escolhos,
lua feita de sangue, lua rubra,
um poeta luzi-cú de bons repolhos
e não ha quem o acolha e quem o cubra



MOVIMENTO LITTERARIO DO PAIZ

MANUEL DA GRAÇA

A morte do Salmuerhisto



A entrar no prélo

ROSAS D'UM DIA

Editor—O Pedro do «Janeiro»



A LAGRIMA

Mez.....20 reis